

O sequestro da herança africana

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

O passado mítico me puniu, essa é a sensação. Apenado, castigado. Li, compulsivo, grande parte da mitologia greco-romana e busquei ser diferente em cada episódio. Refazia eles na cabeça – se havia punhalada, trocava a lâmina por beijos, se pauladas, carícias, se admoestações, aplausos. Mas também o contrário. Palavras afetuosas por xingamentos, gestos amorosos por violência, conselhos por perfídia. Pensava, assim, ser eu em cada ato, chegaria ao panteão dos grandes heróis da humanidade, construía um novo modelo, uma nova maneira de classificar o que é certo e o que é errado, o belo e o feio. O avesso, o reverso. Lições moralizantes daquela grandeza civilizacional invertidas. Também, diga-se, nunca me perguntaram, pelo menos aos meus ancestrais, se eles concordavam ou não com aquela ordenação do poder branquelo. Arbítrio, submissão, por quê?

Lições de ética me pareceram sempre bregas e piegas. Invertamos a caretice. Postava passagens pesadas nas redes sociais, o Facebook retirou do ar vários dos meus posts, no Twitter recebia respostas

abusivas me chamando de louco e desagregador da moral brasileira. Claro, se via pudicícia, atacava de sem-vergonhice. Sofri, como se pode bem imaginar, ataques racistas, macaco sujo, ouvi, volta para a África. Quando era nas redes sociais dava para aguentar, mas quando foi ao vivo aqui perto, na Praça do Pelourinho, não suportei. Sujeitar-se não, aturar por quê?

Era de noitinha, vento frio, chuva fina, quase ninguém na rua, afora uns ingleses hospedados no hotel de frente para a praça. Uma roda de capoeira abrigada no portal da igreja dava o fundo musical. O berimbau emocionava. Fui agressivo, tudo bem, mas ele foi mais. Sou louco, iconoclasta, concordo, mas ninguém dá bola quando, invertendo gestos cruéis e hediondos, gestos presentes inclusive em livros para o espírito e não para a carne, escrevo poemas ternos e amorosos às pessoas ou ofereço rosas brancas, como já aconteceu no saguão desse mesmo hotel com um grupo de turistas. Benquerer, ternura, respeito, por aí o meu pensamento.

Li os versos, ofereci as flores e como agradecimento fui enxotado pelo

* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras – Université de Paris III, Sorbonne-Nouvelle e doutor em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <godolive@uol.com.br>.

segurança. Esse lado ninguém vê, pensam apenas – ele deve ser pirado. Sou invisível para eles. Só me enxergam quando faço o mal. Daí enfiei a peixeira na goela naquele agressor, confesso, não devia, mas a lâmina entrou bem de onde saíram palavras como negro safado, imundo. Daquela boca essas palavras não saem mais.

Não quero ficar submisso ao mal, não é isso, mas quero entender quais são os critérios, o que é certo, o que não é, o que é bonito, o que não é, pois vejo no Brasil fome e miséria, injustiça e preconceito, mas não é só com a gente não, é também com os gays, com os índios, com as mulheres, com os artistas, com os feios, com os deficientes físicos, com os pobres, a igreja parece ver isso, pelo menos se preocupa, o padre já veio aqui me ouvir, falou a respeito, condenou fortemente os meus pensamento, quer dizer, o pensamento não, as ações inventadas no cenário da minha cabeça. Parecem obra de alguém maligno, o padre teme pela minha vida aqui dentro, mas disse haver perdão na passagem final, que eu preciso me arrepender, mesmo se não cometi, de fato, essas barbaridades. Sou filho de Xangô, respeito a liberdade de culto. Já me arrependi. Minha penitência, meu remorso, minha contrição. A psicóloga do Instituto explicou. Na verdade, não fiz nada, são apenas desejos elaborados com detalhes, mas não passo à ação, como esse da peixeira e o do saguão do shopping.

Ouvia, na mesa ao lado, um grupo falando das suas origens. O bisavô de um viera do Vêneto, na Itália, outro tinha a bisavó nascida na Galícia, na Espanha, outro falou de um lugar da Alemanha de onde partiram seus avós, outra era judia da Europa Central de onde emigrou toda a sua família, outro veio pequeno do

Vale do Bekaa, no Líbano, enfim, parecia reunião da ONU com o tema genealogia em pauta. A ostentação, o orgulho, a soberba dos vencedores. Me virei, de repente, e tasquei: os meus antepassados não sei de que lugar da África vieram, os colonizadores misturavam as etnias dos escravos para que não pudessem se comunicar entre si, só lhes restava arranhar o português. Indignação, repulsa, revolta, experimentava isso. O grupo me olhou, estupefato. Amedrontado. Uma jovem se adiantou e ponderou que a força negra era a marca positiva do Brasil, que apoiava o movimento negro, tá bem, tá bem, respondi. Conciliação, paz, concórdia, ela demonstrava. E o sincretismo religioso está aí, pode escolher ou Ogum ou São Jorge, a jovem completou, sorrindo. Ela era carioca, ainda esclareceu. Mas acho pouco, pensei. Muito pouco. E o acarajé é fake.

Sequestraram a herança africana da população brasileira como um todo – falei aos berros -, dá para recuperar? Um sujeito não gostou muito do papo e disse meu chapa, estamos aqui conversando entre amigos, vai procurar a tua turma, você não foi convidado. Pensei num mundo de paz, de harmonia, de conciliação, tudo o que aprendi no curso de Ciências Sociais na UFBA, mas saiu o contrário. Um soco bem nas fuças do cara manchou de vermelho a toalha branca da mesa. Asco, repugnância, humilhação, senti algo assim.

Agora estou aqui preso, nem é bem prisão, lembra um hospício para malucos. Recebi a visita de colegas do movimento negro da faculdade, de religiosos de várias confissões, de políticos, todos, sem exceção, dizem estar fechadíssimos comigo, a conciliação nacional se impõe, é necessário encontrar a nação brasileira, ela toda, abraçar a fraternidade, daí nascerá

a paz, o conforto espiritual e a justiça, desaparecerão os preconceitos e o ódio. Penso agora em violência só para conseguir o efeito inverso. Dá sim para reconstruir a herança africana sequestrada, me garantem, sem ódio e sem rancor. Como

disse o poeta colega de quarto, citando alguém, minha morada tem tantas janelas quanto o abismo tem portas.

Recebido: 9 de maio de 2017.

Aceite: 15 de julho de 2017.